

MARIA DE FÁTIMA MATOS DA SILVA

Estudo tipológico de cossoiros
I - Citânia de Sanfins, Castros de
Moldes e de Santo António

SEPARATA DO VOLUME IV DA REVISTA DE CIÊNCIAS HISTÓRICAS
UNIVERSIDADE PORTUGALENSE INFANTE D. HENRIQUE
PORTO 1989

*to Prof. Doutor Augusto Henriques
com a grande estampa
de Fátima M. da Silva*

ESTUDO TIPOLOGICO DE COSSOIOS

I - Citânia de Sanfins, Castros de Moldes e de Santo António

Por

MARIA DE FÁTIMA MATOS DA SILVA (*)

SOMMAIRE:

Ce travail s'insère dans un project ayant pour but l'étude typologique, le précédé de fabrication, la décoration, la matière-première, en un mot l'étude du rôle joué par les "cossoiros" dans l'économie dite "textile" et dans la société de plusieurs bourgs "castrejos" de la région d' Entre Douro et Minho situés au bord de la mer ou bien à l' intérieur.

De l'étude fait des "cossoiros" provenant de la "Citânia" de Sanfins à Paços de Ferreira, du "Castro" de Moldes à Castelo de Neiva et du "Castro" de Santo António à Afife, dans un total de 276 pièces, on a pu extraire quelques conclusions que voici dans la première partie de ce travail.

SUMMARY:

The present work is part of a wider project studying the characteristics, manufacture, decoration and raw-material, studying, in short, the part played by the "cossoiros" in the so called "textile economy" and in the society of several villages ("castros") located by the sea as well as in the interior part of the region called "d'Entre Douro e Minho".

Through the study of the "cossoiros" coming from the "Citânia" of Sanfins in Paços de Ferreira, from the "Castro" of Moldes in Castelo de Neiva and from the "Castro" of Santo António in Afife, in a total of 276 pieces, it became possible to draw some conclusions that are now rendered public through this first part of the work.

Este estudo insere-se em projecto mais vasto que visa o estudo tipológico, o modo de fabrico, a decoração, matéria-prima, enfim, o papel desempenhado pelos cossoiros na economia "têxtil" de vários Castros Litorâneos e de Interior, da zona de Entre Douro-e-Minho.

Pretendemos assim, não só elaborar um estudo tipológico dos cossoiros, mas também estabelecer a sua evolução cronológica, estudar o seu modo de fabrico, assim como, a temática decorativa e as suas possíveis relações com o tipo de cossoiros;

(*) — Técnica Superior do Instituto de Arqueologia da Universidade Portucalense

procurar as relações entre os tipos, o modo de fabrico, e a temática decorativa de cossoiros provenientes de Castros Litorais e os de Castros de Interior; analisar a matéria-prima (seixo, granito, xisto, argila e resina) e relacioná-la com o tipo de cossoiro e modo de elaboração escolhido e, em suma, estudar o cossoiro nas suas implicações económico-sociais, esperando que com este trabalho possa contribuir para o melhor conhecimento da economia e sociedade das populações da Idade do Ferro.

Unicamente por razões de conveniência, e não por razões metodológicas que por vários precalços não nos foi possível seguir, publicamos agora dados referentes aos cossoiros provenientes da Citânia de Sanfins (1), em Paços de Ferreira, do Castro de Moldes, Castelo do Neiva e do Castro de Santo António, em Afife (Fig. 1), num total de 276 peças estudadas.

Fazendo uma abordagem genérica, trataremos seguidamente cada povoado e respectivo espólio (os cossoiros) em particular. Não obstante, o posterior tratamento de mais espólio, retiramos algumas conclusões do estudo agora apresentado.

1 — AS FIBRAS, A FIAÇÃO E A TECELAGEM

A fiação e a tecelagem são indústrias caseiras muito antigas, a que os textos clássicos, gregos e latinos, aludem e que as escavações arqueológicas confirmam pelos seus chados que vão desde pentes de cardar, espichas, fusos, até cossoiros, patelas, pesos de tear e agulhas.

As fibras vegetais usadas pelas fiandeiras seriam certamente o linho e a lã cuja produção os rebanhos de gado ovino garantiriam.

Estrabão na "Geografia" refere a habilidade dos Iberos de *Emporion* (Ampurias) na tecelagem do linho (*Geografia*, III, 4, 9) que usavam em várias peças do vestuário, como as couraças para defenderem o tronco, em combate (III, 6), e que vemos representadas nas estátuas de guerreiros galaicos. Plínio (*História Natural*, XIX, 9 e 10) refere o linho de Tarraco e o fabricado pelos *Zoelae* como sendo de grande qualidade.

A lã tinha também larga aplicação. Com os seus tecidos faziam o *sagum* ou saio, ou outras peças de vestuário.

Segundo Salette da Ponte, em tempos romanos, após a tosquia e antes da fiação, a lã passava por cinco etapas de preparação: lavagem, secagem, batimento, limpeza e cardação (Ponte, 1978, 134). Tais etapas seriam eventualmente seguidas também em tempos castrejos, certamente com menor especialização.

Depois de cardada (operação ilustrada na Foto nº 1), a lã era fiada, tal como o linho. Punha-se a fibra em torno da roca em novelo (manelo ou estriga), donde se puxava uma mecha de fibras que a fiandeira torcia entre os dedos e enrolava à ponta do fuso, aliás como ainda hoje é prática corrente, como se reproduz na Foto nº 2.

(1) O estudo referente aos cossoiros da Citânia de Sanfins foi apresentado nas 1^{as} Jornadas de Estudos Municipais de Paços de Ferreira, em Outubro de 1989, e será publicado em Actas sob o título "Estudo Tipológico dos Cossoiros da Citânia de Sanfins (Paços de Ferreira)".

O fuso consistia numa haste alongada e ponteaguda num dos topos, onde se introduzia o pequeno volante, o cossoiro (s.v. desenho da Fig. 2). O fuso era em madeira, havendo-os em osso ou bronze em tempos romanos.

Para enrolar o fio existiam as patelas, encontradas na Citânia de Sanfins em número de quatro.

Depois da fiação entra-se na etapa seguinte a tecelagem. Também está amplamente testemunhada nesta Citânia através de vários pesos ou *pondera* de tear (dez) aí encontrados tal como em outros povoados (?). São feitos em barro ou xisto (como os do Castro de Moldes), com a forma de uma pirâmide truncada, de base rectangular ou de um paralelepípedo, com 10 a 12cm de altura e com um ou dois furos na parte superior. Serviriam para manter em tensão os fios da urdidura do tear vertical, segundo o tipo romano, que são introduzidos na Fase IIIB (de Armando Coelho), o que mostra a prática da tecelagem no interior do núcleo familiar, comprovado, pois, pelos dez pesos encontrados dentro de uma casa na Citânia de Sanfins (Silva, 1896, 137).

Tarefas subsequentes seriam, em alguns casos, o tingimento dos tecidos com corantes vegetais, pois as raízes tintóreas eram abundantes, no dizer de Estrabão (III, 4, 16), podendo ser também tingidas, a lã ou o linho, com um corante preparado com certos insectos parasitas do carvalho, *Quercus Coccifera* (Alarcão, 1983, 129).

Citando novamente Estrabão, ele refere que "andam todos vestidos de preto, e no geral com os sagos, com que dormem nos seus leitos de palha", só as mulheres teriam saias e vestidos com adornos florais (III, 3, 7). No entanto, as vestes que deviam ser de linho, representadas nas estátuas de guerreiros galaicos ostentam decorações geométricas (curvilíneas e reticulados) que sugerem ornamentações nos tecidos.

A posterior confecção do vestuário é comprovada pelas várias agulhas encontradas (?), feitas em material osteológico ou em metal (ferro ou bronze) e que atestam uma vez mais, o contributo valioso do trabalho feminino, no interior do povoado.

2 — OS COSSOIRO: GENERALIDADES

Devido à sua perduração no tempo, vindo até à nossa época e sendo aplicados com a mesma função em várias regiões, os cossoiros não se podem considerar objecto

(2) Conhecem-se pesos de tear em vários povoados castrejos. Refira-se por exemplo, os da Citânia de Sanfins, além de quatro do Castro de Santo António (Museu do N.A.I.A.A.), vários no de Moldes, na Cidade de Âncora (Silva, 1986, 50 - Museu Municipal de Viana do Castelo), na Citânia de Santa Luzia, cinco; no Monte Padrão, dez (Santarém, 1955, 9), no Castro de Sampaio (Vilariça), quatro (Júnior, 1952, 5) e no de Carvalhelhos, vinte e dois (Museu Municipal de Chaves).

(3) Temos conhecimento de agulhas de bronze em vários recintos Castrejos como: no Castro de Moldes, na Citânia de Briteiros (oito - Museu Martins Sarmiento), no Castro de Sabroso (duas - Museu Martins Sarmiento), na Citânia de Santa Luzia (dois fragmentos - Museu Municipal de Viana do Castelo), na Cidade de Âncora (Silva, 1986, 50), em Terroso (uma), em Santa Tecla (oito - Tamuxe, 1983, 154) e no Castro do Castelar, Picote (uma, mas fracturada na ponta - Júnior, 1975).

de utilização específica de uma ou de outra época ou civilização mas, estão certamente relacionados com a técnica de fiação em fuso.

Os cossoiros (*verticili*), ou fusaiolas num sentido lato, são pequenos discos lisos ou decorados, de vários tipos ou formas, na sua maior parte feitos em argila, mas também em pedra, tendo uma perfuração central para serem colocados na parte inferior do fuso, como remate e assim, dar o equilíbrio necessário, servindo de volante, que mantinha e prolongava o movimento rotativo que a mão da fiandeira lhe imprimia.

Pela sua grande quantidade e, no caso da Citânia de Sanfins, temos a maior amostra (245 exemplares) proveniente de um Castro ou Citânia, pelo menos na área Castreja Portuguesa; pela variedade de formas, peso, dimensões e até de material, o que pode estar relacionado com o tipo de fibra a fiar mas, e sobretudo, com a finalidade para que eram feitos, muitas propostas se lançaram em relação à sua utilidade. Assim, através dos tempos, além da sua primordial função - volantes de fuso - muitas hipóteses de aplicação se puseram. Havia os que diziam serem tentos, fichas ou marcas de jogo (*tésseras*), pesos de tear, pesos de rede, contas de colar, botões de vestuário (Marañon, 1935, 436) ou até objectos de uso e significado simbólico ligados ao culto dos mortos (Déchelette, 1914, 390 e 1924, 1396) pois, alguns deles apareceram "fazendo parte de espólios sepulcrais" (Cardozo, 1965, 1). Podemos aqui referir o cossoiro encontrado (a 1,60m de profundidade) no monumento onde apareceu o berrão do Picote (Castro do Castelar, freguesia do Picote, concelho de Miranda do Douro - Júnior, 1975), que talvez possa ter uma função simbólica tal como uma agulha, em bronze, fracturada (6 cm de comprimento), também aí encontrada.

Acreditamos que alguns deles, devido ao seu reduzido tamanho (1,5 cm e 1,8 cm de diâmetro total e 0,2 cm de orifício, como alguns de Sanfins), incapazes portanto de se adequarem ao fuso, teriam servido como botões para o vestuário.

3 — A CITÂNIA DE SANFINS — SUA LOCALIZAÇÃO

A Citânia de Sanfins é uma das estações mais representativas da Cultura Castreja do Noroeste Peninsular, ocupando um local bem individualizado na freguesia de Sanfins de Ferreira, na sua quase totalidade e, uma parte na freguesia de Eiriz, a Sul, inserindo-se pois no concelho de Paços de Ferreira, distrito do Porto. É colina com uma extensa plataforma central, apenas com declive acentuado na parte Este, tendo a sua cota máxima a 570 metros de altitude, no marco geodésico designado "Citânia".

Coordenadas geográficas:

(S.C.E., carta 98, 1977)

Long.: 0° 44' 48" E. Lx.;

Lat.: 41° 19' 22" N.

A Citânia foi ocupada a partir da segunda metade do 1º milénio a.C., durante cerca de mil anos (Silva, 1983A). Armando Coelho diz-nos que "o período da sua formação ter-se-à iniciado com os primeiros contactos romanos na região, por ocasião

da campanha de Décimo Júnio Bruto (138-136 a.C.), e terá sido abandonada na segunda metade do século I d.C." (Silva, 1983B, 132).

Largamente referenciada em bibliografia e documentação vária desde o século XVIII, foram feitas sondagens no século XIX e princípios do XX. A partir de 1944 iniciaram-se escavações sistemáticas até 1983, cerca de 40 campanhas, das quais resultaram além de importantes conhecimentos científicos, muito, variado e valioso espólio entre o qual os 245 (4) cossoiros referidos neste trabalho. Todo este espólio encontra-se exposto no Museu Arqueológico da Citânia de Sanfins, em Sanfins de Ferreira, próximo da Citânia e em belo edifício barroco.

3.1. — OS COSSOIOS

3.1.1. — CARACTERÍSTICAS EXTERNAS

Passemos agora uma visão mais minuciosa destas peças de reduzidas dimensões, estudando as suas características externas (5).

Visto não existirem dois cossoiros verdadeiramente idênticos, algumas das classificações que adoptamos para as suas várias características são difíceis de objectivar.

O cossoiro pode-se dividir em três partes distintas: a superior, os lados ou paredes e, a inferior ou base. A primeira pode ser plana ou lisa, ou ter uma cavidade côncava ou cônica em torno do orifício. Pode também ser bulbosa ou convexa, com ou sem cavidade. Raras vezes apresenta uma moldura saliente em torno do orifício. Como podemos ver pelos quadros anexos, há uma prevalência dos cossoiros discóides e alguns cônicos pela parte superior lisa, em detrimento da cavidade, preferida pelos outros grupos. Esta parte superior é a mais escolhida para ser ornamentada.

As paredes, por vezes, são também decoradas e podem ter várias formas conforme o tipo de cossoiro: curva nos bulbosos, oblíqua nos troncocônicos e cônicos, vertical nos discóides, ou não existir verdadeiramente como nos bicônicos.

A base, geralmente é plana nos discóides, cônicos e troncocônicos, e convexa ou bulbosa no caso dos bicônicos e dos bulbosos. Poucas vezes apresenta cavidade em torno do orifício, assim como a decoração é muito rara.

O orifício (6) pode apresentar também várias formas e posicionamentos. Pode estar em posição central, o que no geral acontece, ou descentrada. É maioritariamente

(4) Actualmente de nove destes só existe a ficha no Museu, mesmo essa incompleta, por isso não conseguimos confirmar as suas características, não sendo contabilizados nos quadros e assim neste estudo.

(5) Para não criarmos mais subdivisões de texto, no início de cada assunto procederemos a uma abordagem genérica do tema, posteriormente à qual particularizamos dando enfoque aos dados referentes aos cossoiros da Citânia de Sanfins, dado os restantes dois povoados serem alvo de um tratamento individualizado.

(6) Existem cossoiros que nunca chegaram a ser perfurados e assim, ficaram sem função como um de Sanfins e um outro do Castro de Moldes.

circular, poucas vezes oval e só conhecemos uma quadrangular, em um cossoiro de Sanfins. Em relação à forma como se dispõe atravessando o cossoiro, pode ser: regular, caso tenha paredes verticais, o mais frequente; crescente ou cônico, quando é menor na parte superior e cresce para a base; decrescente quando se dá o caso inverso, diminui da parte superior até à base, ou ainda, ambicrescente ou bicônico se diminui até ao centro da espessura do cossoiro e alarga para a base, esta forma só aparece nos discóides.

Em relação à técnica de fabrico esta também diverge e é de difícil classificação, pois nem sempre é possível determinar com exactidão de que maneira foi feita a peça.

Os cossoiros feitos à mão são mais raros, na Citânia de Sanfins, em relação aos feitos em molde, já fruto de um desenvolvimento técnico e de maior especialização no fabrico da cerâmica. Este fabrico em molde, prevalece nos cossoiros de tipo mais elaborado, no caso os bicónicos, os cónicos e os troncocónicos. Os discóides e bulbosos são mais fáceis de fazer à mão.

O reaproveitamento de desperdícios de cerâmica variada, geralmente restos de *dólio* e nos mais tardios de ânfora ou outras, todos evidentemente feitos à roda, é muito frequente como se pode ver pela sua grande quantidade (Quadro I). Evidentemente só podem ser do tipo discóide.

A decoração aparece-nos em quarenta e um cossoiros, sobretudo nos bicónicos, predominando a técnica da incisão e da estampagem e como motivos ornamentais, a decoração geométrica de linhas ou sulcos rectilíneos, geralmente cruzando-se ou em espinha, e a curvilínea, sobretudo os círculos. O pontilhado é também frequente. Esta constância no fabrico, como vimos, e na decoração destas peças, em concordância com a cerâmica em geral da Citânia, mostra uma forte organização dos sistema produtivo.

Em termos de conservação do espólio é bastante boa pois, desta amostra tão volumosa só dezassete são fragmentos. As superfícies é que por vezes estão erosionadas, fruto da exposição através dos tempos à intempérie.

3.1.1.1 — OS TIPOS

Inserindo-se nas características externas dos cossoiros é de primordial importância o tipo ou forma de que se revestem estas peças (s.v. Quadro Tipológico).

Apesar de apresentarem formatos muito diversos, difíceis de inserir em um ou outro tipo, conseguimos estabelecer cinco formas, na esteira de Manuel Vidal y Lopes, para os do povoado do Cerro de S. Miguel de Liria (Lopez, 1952) e, Salete da Ponte, para os de Conimbriga (Ponte, 1978), a que introduzimos algumas variáveis.

4 — BULBOSOS

Designamos por bulbosos (Foto N^o3) os cossoiros cujo formato é bem arredondado por todo ele. No entanto, cabem aqui duas divisões: os achatados (em

número de 19 em Sanfins) e os esféricos (só 6, também nesta Citânia). Os primeiros parecem ter sido prensados depois de adquirirem a forma de esferas que possuem os segundos, daí a sua forma e a sua designação. Nos achatados convém realçar o facto de alguns poucos (só encontramos três nesta Citânia de Sanfins) apresentarem paredes algo verticais, perdendo pois a curvatura habitual.

Em relação aos outros tipos, excepto os discóides, apresentam-se bastantes feitos à mão (c. de 10), talvez devido à maior facilidade de fabrico desta forma (Quadro B).

As suas dimensões são variáveis. Os achatados variam entre 3,6cm de diâmetro e os 2,1cm de altura e, como mínimo, temos 1,5cm x 1,1cm. Os esféricos apresentam dimensões muito semelhantes no diâmetro e na altura, por exemplo 2,6 x 2,1cm. Os orifícios variam entre os 0,3cm e 0,5cm de diâmetro.

A decoração é rara e muito simples neste tipo. Limita-se a cruciformes (dois casos) por incisão, pontilhado (três exemplares), e só num usaram a estampagem, com motivo em forma de "C".

5 — DISCÓIDES

É sem dúvida o tipo mais frequente, nesta Citânia como nas outras, obviamente pela maior facilidade de execução e, também por isso maioritariamente feito à mão.

Assumem a forma de discos altos ou baixos, de paredes verticais ou arredondadas, mais ou menos irregulares (s.v. Quadro Tipológico) e, de dimensões também muito variáveis que vão desde o máximo de 4,6cm de diâmetro a 1,76cm no mínimo e, espessura entre os 2,5cm e os 0,4cm. No geral, apresentam dimensões entre os 2,7 e os 3,5cm de diâmetro e 1,5 a 2cm de espessura, são contudo, os cossoiros deste tipo que atingem maiores dimensões. Os orifícios entre 0,3 e 0,5cm.

Embora não havendo distinção acentuada na forma, entre os cossoiros discóides originais (em número de 25, ou seja que foram fabricados com intenção de serem volantes de fuso desde o início pelo oleiro) e os feitos de desperdícios de cerâmica (em avultado número, 97), fizemos uma divisão que se pode ver nos quadros descritivos (Quadros I, II e III), pois as características dos "reaproveitados" são as do objecto de cerâmica que teve um outro uso e agora este. No geral são feitos de desperdícios de *dolio*, os mais tardios de ânfora, raras vezes de cerâmicas finas e depuradas, assim como o aproveitamento de fragmentos decorados também é raro, seis casos nesta Citânia. Apresentam-se habitualmente com maiores dimensões que os outros (Quadro A).

Este tipo que pelo seu formato seria mais fácil de decorar em relação aos outros, é raramente ornamentado, talvez porque a sua forma não é tão vistosa. Quando o é apresenta também motivos simples: o pontilhado feito com carretilha, as linhas incisivas (dois), por vezes combinando-se e formando decorações geométricas (outros dois).

No grupo dos discóides existem treze exemplares em pedra, todos em xisto - nove negros e quatro de cor acastanhada - que seguem as mesmas características de formato, sendo os de xisto negro mais delgados e os segundos mais espessos.

São de dimensões predominantemente grandes, ultrapassando os 4cm por vezes (máximo 4,4cm e o mínimo 2,2cm de diâmetro), tendo normalmente entre 3 a 4cm de diâmetro, 0,5 a 1,5cm de espessura e os orifícios 0,5cm.

A decoração segue os moldes dos anteriores. Sulcos ornamentam um em xisto negro e círculos, um outro, assim como um em xisto acastanhado aliás bastante perfeito e elaborado.

6 — CÔNICOS

Apresentam a forma de um cone, mais ou menos alongado, sendo em número de quinze, nesta Citânia e não aparecem nas outras até agora estudadas. Podem ter a base bulbosa e não plana como é habitual, assemelhando-se assim aos bicônicos de cones desiguais, a que demos a designação de cónicos de transição para bicônicos (quatro).

É deste tipo o único exemplar com orifício quadrangular, que pelo seu formato, diferente de todos os outros (assemelha-se a um chapéu), deverá ter outra utilidade que não a de volante do fuso, talvez botão, assim como alguns dos aqui designados como cossoiros, mas que pelas suas diminutas dimensões devem ter essa função.

São maioritariamente feitos em molde. As suas dimensões variam entre os 4,05cm e os 2cm de diâmetro e 0,7 e 1,8cm de espessura. Quase todos têm entre 2,5 e 3cm de diâmetro e 1,5cm de espessura. Os orifícios, o habitual, entre 0,3 e 0,5cm de diâmetro.

A decoração aparece só em três exemplares: dois com pontilhado, cónicos e, um de formato de transição para bicónico (fracturado), profusamente decorado, até na base, com o motivo em espinha por incisão, destoando na simplicidade dos outros (Quadro B).

7 — BICÔNICOS

Estes cossoiros têm a forma de dois troncos de cone que se unem pela base (Foto N^o4). Podem ser distribuídos por três grupos: os bicônicos de cones iguais (vinte e cinco), os de cones desiguais (catorze) e, por último, os de cones de transição para bulboso (oito). Os primeiros têm cones semelhantes; nos segundos, um é maior que o outro e no terceiro caso, as paredes tornam-se arredondadas de modo a assemelharem-se a bulbosos (Quadro C).

Este tipo apresenta diâmetros desde 1,8cm aos 4cm e espessuras entre os 1 e 2cm, nunca podendo ser muito finos devido ao seu formato. Média geral têm de diâmetro, como outros tipos, entre 2,5 e 3cm, de espessura entre 1 e 1,6cm, e orifícios entre 0,3 e 0,5cm.

São geralmente feitos em molde devido à maior complexidade da sua forma, e assim, mais aperfeiçoados quer pelo uso de matéria-prima de pasta e textura mais fina, mais depurada, quer pelo seu acabamento e sobretudo decoração. É efecti-

vamente neste tipo, e suas variantes que encontramos as decorações mais elaboradas e profusas. Os motivos mais empregues são: a linha incisa formando espinha (dois casos), entrecruzada, em ziguezague e os círculos impressos ordenada (cinco) ou desordenadamente (um caso). O pontilhado é usado em dois casos, a carretilha formando sulcos paralelos e a cunha em triângulo, só uma vez. A decoração mais elaborada, preenchendo todo o cossoiro, mesmo na base, associa o motivo dos "SSS" em "línguas de fogo" com o pontilhado em ziguezague por estampagem.

8 — TRONCOCÓNICOS

Este último tipo é o que apresenta o menor número de exemplares (dez), e todos muito variados na sua forma (Foto nº 5), só aparecendo, por ora, nesta Citânia tal como os cônicos.

É por designação um tronco de cone, de paredes mais ou menos altas e mais ou menos oblíquas. Feitos predominantemente em molde, como é habitual em formas mais elaboradas (Quadro A).

As dimensões oscilam entre os 2,5 e os 3cm de diâmetro e 1 a 2cm de espessura. O orifício tem as medidas habituais.

As decorações são pobres. Predomina novamente a incisão, com o motivo dos sulcos formando um reticulado, em um caso, em dois o pontilhado, e por fim, os círculos impressos, em mais dois exemplares.

8.1. — CARACTERÍSTICAS INTERNAS

As características internas dos cossoiros advêm-lhes do tipo de matéria-prima utilizada na sua feitura.

A olaria era uma das principais actividades artesanais da Citânia de Sanfins (Silva, 1983A, 17), assim como dos outros povoados em geral, nomeadamente nos aqui estudados, também aqui confirmada pela enorme quantidade de cossoiros feitos em argila ou barro (232) e só treze em pedra, no caso, xisto como vimos.

Os cossoiros de barro usam pastas no geral pouco depuradas, grosseiras, micáceas e de textura compacta e homogénea. As pastas finas e depuradas são habitualmente empregues nos exemplares mais elaborados quer no tipo, como na decoração, bem alisados ou até polidos, parecendo mais objectos de adorno, quiza botões.

As pastas utilizam na totalidade dos casos (excepto em dois cossoiros, feitos de desperdícios de cerâmicas tardias, ânfora?) a mica como desengordurante, bastantes a areia, que aparece conjuntamente e, raras vezes, o quartzo. Conjugam os vários tipos de calibre (fino, médio e grosso) conforme são mais ou menos depuradas (Quadro I).

As superfícies são na sua maioria rugosas ou deficientemente alisadas, em concordância com as pastas pouco depuradas.

A coloração (7) é predominantemente de tons acastanhados ou alaranjados, em detrimento dos acinzentados, fruto da natureza das argilas e das técnicas de cozedura que refletem uma atmosfera oxidante e, assim, uma melhor qualidade dessas técnicas de cozedura, sendo pois mais raras as pastas acinzentadas. Geralmente os tons são homogêneos.

9 — O CASTRO DE MOLDES

O povoado fortificado designado Castro de Moldes, situa-se ao longo do Monte do Castelo, na margem direita do rio Neiva, perto da sua foz (c. de 2200m) que dali se avista. Pertence à freguesia de Castelo do Neiva, concelho e distrito de Viana do Castelo, donde dista cerca de 8Km a Sul.

Em toda a vasta área do Castro encontram-se vestígios arqueológicos (Silva/Marques, 1984), tendo o seu ponto mais elevado em zona de ocupação medieval a 125 metros de altitude, no marco geodésico designado Guilheta.

Coordenadas geográficas:

(S.C.E., carta 54, 1948)

Long.: 0° 27' 47" E. de Lx.;

Lat.: 41° 36' 53" N.

Foi escavado pela primeira vez no mês de Agosto de 1982 ao que se lhe seguiram outras escavações, no mesmo mês, até 1985 (inclusivê), sob a responsabilidade dos Arqueólogos Eduardo Jorge Lopes da Silva e José Augusto T. Maia Marques.

Em 1982 determinaram-se os sectores A e B, abordando-se o C, onde se concentraram as escavações de 1983; nos dois últimos anos de escavação (1984 e 1985) trabalhou-se paralelamente nos sectores C e D ("acrópole").

O Castro de Moldes é povoado de vastas dimensões, que teve uma longa ocupação humana: prè-romana, romana e medieval, e que teria em tempos Castrejos uma forte densidade populacional, a julgar pelas estruturas encontradas na ainda parca zona escavada. Estruturas essas essencialmente de habitação, sem aberturas (quer portas ou postigos). Seria envolto em "cinco muralhas" (B. Almeida, 1982, 20).

Essa população praticava uma economia de subsistência "aliada à caça, pesca [comprovada pela grande quantidade de pesos de rede encontrada], e recollecção de alguns frutos" (Silva/Marques, 1984, 256) e, ainda, grande actividade moageira.

Ocupavam-se em actividades metalúrgicas, na artesanía do barro, bastante activa, a julgar pela grande quantidade de cerâmica, de vários tipos, formas e cronologias.

(7) Os tons oscilam entre os castanhos e os cinzentos claros ou escuros, ou ainda os castanhos alaranjados homogêneos ou não. Aparecem também coçoiros em duas cores distintas, por exemplo, de superfície acastanhada clara (beije) e de ceme quase negro, fruto de uma má cozedura, especialmente nos coçoiros feitos de desperdícios.

A actividade "têxtil" está aqui bem representada quer pelos cossoiros, quer pelas várias placas de xisto (ardósia) encontradas, que entre outras funções podem ter a de pesos de tear, quer ainda pela existência de uma agulha e fragmentos talvez de outras.

Os elementos cronológicos publicados são escassos e são fornecidos por algum material, nomeadamente os capacetes de bronze da "segunda parte do séc. I a.C." (Almeida, s/d, 250), sendo assim apontada uma ocupação por ora entre o séc. I a.C. e meados do séc. I d.C." (Silva/Marques, 1984, 258), pelo menos ao que nos parece, dando-nos a parte final da ocupação castreja para essa época, já romanizada.

O espólio, tal como os cossoiros, encontra-se na Sala - Museu de Castelo de Neiva e no Instituto de Arqueologia da Universidade Portucalense.

9.1. — DISTRIBUIÇÃO DOS COSSOIOS POR SECTORES DE ESCAVAÇÃO

Os sectores A e C são aqueles que mais nos interessam, por ser aí que apareceram os materiais em causa. Quanto aos sectores B e C, parcamente escavados, não forneceram material deste tipo. É interessante o facto de no sector designado da *acrópole* (sector D) não ter aparecido qualquer cossoiro. Embora escavado numa área diminuta, que revelou uma estrutura circular de dimensões consideráveis, com lajeado contíguo que pelas suas características e pelo espólio que forneceu bem como aliado ao facto de não aparecerem cossoiros, leva-nos a admitir que aí se deveriam desenrolar actividades de índole social e outras, mas não de carácter económico - produtivo como é flagrante nos sectores A e C.

9.1.1. — SECTOR A

Este pequeno sector de cerca de 9m², como se pode constatar pela planta anexa (8), é constituído por uma casa circular com lareira e um banco corrido "almofadado" com ardósias. Exteriormente, um muro de reforço e um lajeado (s.v. Planta do Sector A - Fig. 3).

Foi nesta zona, com "profundo remeximento do terreno" (Silva/Marques, 1984, 246), que em 1974 se encontraram dois capacetes de bronze decorados, de tipo derivado do Montefortino B, três taças também em bronze, duas sítulas, um machado de ferro, um coador ainda em bronze e um dupôndio. De realçar o facto de estas belas peças serem de fabrico local ou regional (Almeida, 1980 e s/d; Silva, 1986), o que mostra o desenvolvimento atingido, em certa altura por este povoado.

Deste sector provêm sete cossoiros distribuídos da seguinte forma: cinco do tipo discóide, sendo dois de fabrico manual e três provenientes de reaproveitamento

(8) Planta segundo E.J.L.S. e J.A.M.M. (Silva/Marques, 1984).

de cerâmica; um bicónico de cones desiguais, feito em molde e o único exemplar de cossoiro bulboso (Foto Nº 8) deste povoado, também de fabrico manual, como é típico deste formato. A propósito deste último, refira-se ainda a particularidade de o orifício estar incompleto (não vasando a peça), daí se concluir que nunca foi utilizado, o que as suas diminutas dimensões vêm confirmar.

Devido ao remeximento das camadas estratigráficas de que esta zona foi alvo é impossível relacionar e tirar conclusões sobre o tipo de cossoiro e seu modo de fabrico relacionado com a estratigrafia. Contudo, a análise dos relatórios de campo possibilitou-nos localizar na planta, cinco dos cossoiros (dois dos quais discóides, um de fabrico manual e outro por reaproveitamento, que foram recolhidos à superfície), evidentemente relacionados com a estrutura habitacional aí escavada, como se pode aferir pela planta.

9.1.2. — SECTOR C

Trata-se do sector mais amplamente escavado, logo de maiores dimensões (cerca de 64m²). Situa-se entre os sectores A, B e o D, a cerca de 86 metros para Este dos primeiros (s.v. Planta do Sector C - Fig. 4).

Foram postas a descoberto várias estruturas, entre elas cinco casas de planta circular (Foto Nº 5), formando "um conjunto urbanístico tipo "bairro" (Silva/Marques, 1984, 250), havendo provavelmente "duas fases de construção de estruturas" (Idem, ibidem, 255). Sensivelmente ao centro do "bairro" uma lareira com murete de protecção e piso em barro, possivelmente de uso comunitário.

Devido ao grande declive da área que levou a várias soluções de reforço dos muros das casas, aconteceram evidentes fenómenos de escorrimento originadores do aparecimento muito misturado do espólio.

A leitura dos relatórios de campo das escavações, possibilitou-nos localizar na planta ⁽⁹⁾ vinte e um do total de vinte e dois cossoiros encontrados neste sector. Tipologicamente estão distribuídos do seguinte modo: catorze discóides, sendo dois de fabrico manual, dois em molde e dez fruto de reaproveitamento de cerâmica vária, tal como um outro não localizado e aparecido à superfície; sete bicónicos, com quatro de cones iguais, sendo um de fabrico manual e três em molde, dois bicónicos de cones desiguais, um de cada tipo de fabricação e, por último, um bicónico de cones de transição para bulboso, manufacturado.

Pela análise da distribuição bidimensional ⁽¹⁰⁾ dos cossoiros na quadrícula podemos constatar que estes estão evidentemente relacionados com as estruturas de habitação, provando-se que a fiação tal como a tecelagem, era uma actividade que se desenrolava dentro do núcleo familiar e assim de carácter eminentemente feminino. A título meramente estatístico, acrescente-se haver nesta estação, uma média de cinco cossoiros por habitação.

(9) A planta deste sector foi recentemente elaborada, de forma esquemática, pela autora e por João Alberto Silva.

(10) Transpuseram-se para a planta as cotas tiradas em campo: o X e o Y.

Por sua vez a análise tridimensional, observando as cotas relativas, absolutas e da disposição estratigráfica das peças, infelizmente não nos levou a conclusões tão elucidativas, visto haver mistura de materiais pelo escorrimento referido. Contudo, foi-nos possível, ver que na camada superficial (0.0) não apareceu qualquer cossoiro, sendo também relevante que na seguinte camada (0.1) só aparecem cossoiros discóides de fabrico em molde e reaproveitamentos (dois de cada).

Assim, temos nas camadas mais antigas (0.2, 0.3 e 0.4) os cossoiros de tipo mais elaborado e os de fabrico manual, que aparecem aliados ao tipo mais simples, discóides. A camada (0.2) é a mais prolífera em cossoiros, não aparecendo na (0.4) os fabricados em molde. Os discóides, fruto de reaproveitamento de cerâmica aparecem em todas as camadas estratigráficas.

Um pouco à margem do texto, refira-se a existência de seis cossoiros deste sector (quatro fragmentados e dois possivelmente intactos), que conseguimos localizar em planta. Provêm de camadas estratigráficas que variam da (0.1) à (0.3) e foram encontrados em escavações datadas de 1983/84/85. Infelizmente não nos foi possível localizá-los, estando sim, referidos em relatórios. Deveriam ser de tipo discóide e a confirmarem-se aumentariam para 28 o número dos cossoiros deste sector.

Um outro cossoiro recolhido à superfície, de tipo discóide e reaproveitamento de "fragmento de pança de púcaro, pasta arenosa e micácea com fuligem na face exterior" (B. Almeida, 1982, 25) é referenciado em bibliografia, aumentando para 36 o cômputo geral deste povoado.

Há ainda múltiplos discos de cerâmica (mais de duas dezenas), que seriam tampas de ânfora ou preparação de cossoiros discóides reaproveitando fragmentos de cerâmica, vindo referidos em relatório como "princípios de cossoiros".

9.2. — OS COSSOIOS

9.2.1. — CARACTERÍSTICAS EXTERNAS

Numa abordagem geral, visto já termos procedido à análise mais pormenorizada dos cossoiros provenientes dos respectivos sectores, e pela análise do Quadro II podemos ver tal como na Citânia de Sanfins, que nos 29 cossoiros de Moldes predominam os de tipo bicónico e suas variantes (Foto N^o8), logo seguidos pelos discóides originais, apesar e, novamente como em Sanfins, de os cossoiros discóides de reutilização serem os mais abundantes (Foto N^o7). De formato bulboso temos um exemplar, nunca usado. Ressalta aqui a maior especialização dos oleiros de Moldes e Sanfins em relação aos de Santo António, como veremos, preterindo os tipos mais elaborados aos mais singelos, quase não existindo neste povoado, o bulboso.

O fabrico manual é preferido, tal como em Sanfins nos tipos mais simples (discóides e bulboso), deixando sobretudo o molde para os bicónicos ou outros tipos aqui não existentes.

Geralmente os orifícios são centrais, circulares e regulares e as dimensões normais e habituais para cada tipo, quer dos orifícios quer dos cossoiros em geral.

O estado de conservação é bom, excepto nos cossoiros discóides feitos de reaproveitamento.

A decoração aparece unicamente em três exemplares: um discóide e dois bicónicos (um de cones iguais e outro desiguais), todos eles de fabrico em molde, tal como a temática, geométrica, e a técnica também uniforme, consistindo nos círculos por incisão (Quadro D).

Não existem neste povoado cossoiros em pedra.

9.2.2. — CARACTERÍSTICAS INTERNAS

Estes cossoiros foram elaborados em cerâmicas de pastas no geral depuradas, de textura compacta e homogénea (Quadro II). A análise macroscópica revela a mica de calibre muito fino como desengordurante usado, sendo por vezes associado à areia também fina. Superfícies alisadas ou polidas sobretudo nos cossoiros bicónicos e deficientemente alisadas ou rugosas nos discóides, havendo pois um interesse em embelezar as formas mais elaboradas com melhores acabamentos, sendo por vezes decoradas, como vimos.

Predominam os tons acastanhados e alaranjados nos discóides e os acastanhados nos bicónicos, tons esses homogéneos, no geral, fruto de boa cozedura, em atmosfera oxidante como nos outros povoados.

10 — CASTRO DE SANTO ANTÓNIO

O Castro de Santo António, é um pequeno povoado situado em pequena colina com o mesmo nome, no lugar de Santo António de Afife, concelho e distrito de Viana do Castelo.

Povoado de pequenas dimensões e de baixa altitude, tendo a sua cota máxima nos 68 metros. A pequena plataforma central é ocupada pela capela de Santo António, construída em 1685.

Fica situado a escassas centenas de metros da Cidade de Âncora, a Norte, assim como da Mamoa de Eireira e do mar, a Oeste.

Zona de intensa ocupação castreja sendo de referir só na freguesia de Afife, vários povoados castrejos como: Agrichousa, Monte do Castro, Cidade de Âncora e Castro do Cútero. Localiza-se pois numa das zonas com maior frequência de Castros por hectare (Silva, 1986, 24, fig. 1), tal como o Castro de Moldes e a Citânia de Sanfins.

Referenciado em alguma bibliografia desde 1932, e aquando do aparecimento de alguns achados arqueológicos (Viana, 1937) e de estruturas, só à poucos anos se fizeram escavações arqueológicas, de que ainda não se publicaram os resultados e das quais provêm os onze cossoiros (provavelmente de 1982, como indicam as suas marcações) aqui analisados.

Na encosta virada ao mar, a Oeste, foi escavado um sector onde apareceram cinco estruturas habitacionais, circulares, sem aberturas, tal como no Castro de Moldes,

formando um conjunto urbanístico, tipo "bairro". São de grandes dimensões (cerca de 5 metros de diâmetro, excepto uma com c. de 3 metros). As paredes estão bem conservadas em alguns. Aparecem ainda muros de reforço e de anexos. Um pouco mais a Sul deste sector, aparece uma casa circular (c. de 4 metros de diâmetro), também virada ao mar e com uma altura de muros considerável (Foto Nº 10); tal como outra na encosta Norte do Monte, com dimensões e características similares. Por entre a vegetação que invade os sectores escavados vislumbram-se outras estruturas circulares e panos de muralha.

A sua ocupação terá decorrido entre o séc. IV a.C. e o séc. I d.C..

Teria bastante actividade artesanal, nomeadamente no sector da cerâmica, visto esta ser abundante, quer feita à mão ou à roda, de cronologia diversa (Fase II e III de A. Coelho - Silva, 1986, 149-150). Também a metalurgia existia como provam os fragmentos de molde de cerâmica de sítulas de bronze, semelhantes a um do Castro de Moldes; a actividade moageira também teve a sua representação.

Outro sector com alguma actividade seria o ligado à fiação e tecelagem, atestado pelos onze cossoiros e quatro pesos de tear.

Este espólio, entre outro, encontra-se no Museu do Núcleo Amador de Investigação Arqueológica de Afife.

Coordenadas geográficas:

(S.C.E., carta 27, 1949)

Long.: 0° 17' 19" E. Lx.;

Lat.: 41° 47' 53" N.

10.1. — OS COSSOIOS

10.1.1. — CARACTERÍSTICAS EXTERNAS

Os onze cossoiros deste pequeno Castro, limitam-se a dois tipos, sendo estes nove do tipo discóide e só dois bulbosos (s.v. Quadro III).

Predominam os cossoiros de fabrico manual, desconhece-se os de fabricação em molde e existem só duas reutilizações de desperdícios de cerâmica.

Realça-se a existência de dois cossoiros em pedra (Foto Nº 9) um deles em xisto, discóide, o outro, mais raro ainda, em granito de grão fino, bulboso achatado. São os dois de grande perfeição contrastando com a simplicidade e rusticidade dos cossoiros cerâmicos, muito pobres não só na variedade de tipos, na quantidade e sobretudo na sua elaboração, com deficiente acabamento (s.v. Quadro E). Este facto é de difícil explicação face não só ao tipo de estruturas, bem acabadas, em número considerável o que aponta para uma densidade populacional razoável do povoado, como também em relação ao material ceramológico, entre outros, de boa feitura e acabamento e em bastante quantidade.

Esta constatação talvez aponte para o uso de uma outra solução, como hoje acontece, ou seja, a utilização de cossoiros em madeira, o que explicaria a fraca ocorrência deste tipo de material, os cossoiros, em alguns povoados como este e a sua grande densidade em outros povoados, como na Citânia de Sanfins.

Os orifícios são geralmente centrais, circulares e regulares, havendo só um crescente ou cónico.

As dimensões dos cossoiros e seus orifícios são as habituais em relação aos tipos aqui existentes.

A decoração é nula e o estado de conservação é fraco.

10.1.2. — CARACTERÍSTICAS INTERNAS

Apesar de externamente os cossoiros deste Castro não serem os de maior beleza e perfeição, são constituídos por cerâmicas de pastas geralmente depuradas, não as podendo classificar, contudo de finas, de textura compacta e homogênea. Uma análise macroscópica indica também a mica de calibre fino como desengordurante utilizado. As superfícies apresentam-se hoje na sua maior parte corroídas.

A coloração é predominantemente, como nos outros povoados estudados, de tons acastanhados ou alaranjados, embora os tons não sejam os mais homogêneos, mas de boa cozedura, também em atmosfera oxidante.

11 — NOTAS FINAIS

Parece-nos despropositado, pelas razões apontadas no início deste estudo, apresentarmos amplas conclusões, preferindo-se algumas ilações decorrentes de uma análise pormenorizada dos 276 cossoiros estudados e dos povoados de onde são oriundos.

A variedade de formas é tanto maior, quanto maior desenvolvimento atingiu o povoado, tal como a sua decoração é mais ou menos abundante e mais ou menos variada temática e tecnicamente. Assim, na Citânia de Sanfins temos cinco tipos e suas variantes; em Moldes só três tipos e suas variantes, embora um, o bulboso, seja quase inexistente; em Santo António, só dois tipos, os mais simples.

Dentro da variedade de formas, o tipo mais usado era o discóide, mas feito de desperdícios de cerâmica, sendo o bicónico e suas variantes a forma predilecta para fabrico dos oleiros (s.v. Gráfico - Distribuição dos cossoiros por tipos). Preferiam estes, também o fabrico em molde para os tipos mais elaborados (cónicos, bicónicos e troncocónicos), em detrimento do manual para os mais simples (discóides e bulbosos). O domínio do fabrico em molde na Citânia de Sanfins (s.v. Gráfico - Distribuição da técnica de fabrico por tipos) está de acordo com a olaria em geral, pois nesta Citânia não existe cerâmica manufacturada mas sim feita à roda. Em Moldes e em Santo António já nos aparece o fabrico manual em cerâmica variada e assim mais abundante nos cossoiros.

A preferência pelo tipo mais elaborado e o fabrico em molde, denota um gosto pela perfeição bem como, a especialização técnica dos oleiros de Sanfins e evidentemente o facto de estarmos na presença de um povoado economicamente próspero, visto os Castros de menores dimensões, mais pobres, preferirem os cossoiros discóides e bulbosos, sem decoração e feitos à mão, como no caso do Castro de

Santo António, onde o seu escasso número pode também ser um indicativo. A prosperidade de Sanfins deduz-se também pela decoração existente em bastantes peças (quarenta e um cossoiros) ou seja cerca de 18% são decorados, enquanto no Castro de Santo António a percentagem é nula. Em Moldes, com três casos (c. de 10% da amostragem) afigurasse-nos pouco relevante. Como vimos a decoração incide nos cossoiros bicónicos, sendo os temas decorativos geométricos dominantes, em especial os círculos, predominando a técnica da incisão.

Na sua maioria, como já referimos, os tipos mais simples eram manufacturados e, podiam ser elaborados por qualquer pessoa, assim como os feitos de desperdícios de cerâmica, não havendo, ao que parece, uma evolução cronológica em que se passasse de uma técnica para outra. Parece-nos que estas duas técnicas de fabrico precederam o fabrico em molde coexistindo posteriormente.

O aproveitamento de desperdícios de cerâmica, maneira mais rápida e prática de elaborar os cossoiros, dever-se-à talvez a uma carência de tempo por parte dos oleiros, na medida em que a olaria era actividade exercida pelos homens, que primordialmente desempenhavam tarefas fora do povoado, as quais não se coadunavam com a morosidade desta função.

Outra hipótese a ser considerada é a deste tipo de fabrico ser utilizado em fase mais tardia, já de desagregação dos povoados ou, pelo menos, é intensificado nestas épocas. Pela distribuição estratigráfica dos cossoiros do Castro de Moldes podemos concluir que, pelo menos aí, os cossoiros deste tipo de fabrico aparecem em todas as camadas, mesmo as mais antigas, embora o seu número aumente substancialmente nas mais modernas, e assim o tipo discóide em detrimento dos cossoiros de fabrico manual, que ali desaparecem, assim como, os de tipo mais elaborado, no caso, os bicónicos e suas variantes, aumentando em quantidade, como se deduz, os discóides feitos por esta técnica e em molde. Estes últimos (discóides feitos em molde) não aparecem em camadas mais antigas. No Castro de Santo António, o fabrico em molde é mesmo desconhecido e o reaproveitamento raro, a avaliar pela amostra existente.

Cronologicamente, Armando Coelho aponta para a uniformidade dos cossoiros da Citânia de Sanfins, colocando-os na Fase III (Silva, 1986), tal como, provavelmente os do Castro de Moldes, sendo os do de Santo António algo anteriores.

A abundância destas peças na Citânia de Sanfins ⁽¹¹⁾ leva-nos a admitir que aí a fiação e consequentemente a tecelagem estavam bastante desenvolvidas e ocupavam uma posição de relevo na economia local, tal como em Moldes, embora em menor proporção.

A produção dentro do núcleo familiar, de carácter feminino, devia satisfazer as necessidades familiares, do povoado e abastecer um pequeno comércio regional com os seus excedentes. Outra ilação óbvia, como causa e consequência deste

(11) Apesar de em Sanfins haver uma grande abundância de cossoiros, se compararmos as proporções deste povoado, a sua importância na e para a região e a sua área escavada com as de outros Castros e suas parcas zonas escavadas, como o caso de Moldes e no de Santo António a desproporção torna-se muito menor e as ilações diferentes.

desenvolvimento da actividade têxtil é a clara existência de abundante criação de gado ovino, que forneceria a lã entre outros produtos de grande importância económica e haveria também, provavelmente, um cultivo de linho com certo desenvolvimento.

v

Agradecimentos:

— ao Museu Arqueológico da Citânia de Sanfins, na pessoa do seu Director, Prof. Doutor Armando Coelho, e do seu Conservador, Dr. Joaquim Leal, pelas facilidades e apoio concedido;

— ao Dr. Eduardo Jorge, pela autorização de estudo do material do Castro de Moldes, nomeadamente a consulta dos relatórios de campo, assim como ao Dr. Maia Marques, por todo o apoio e orientação dada;

— ao Museu do Núcleo Amador de Investigação Arqueológica de Afife, na pessoa do Eng. Horácio Faria e,

— ao Dr. José Manuel Tedim pela cedência das fotografias nºs 1 e 2, extraídas do Seminário de História de Arte de Adriana Gradin Ribeiro.

BIBLIOGRAFIA

- ALARCÃO, 1983 — ALARCÃO, Jorge - *Portugal Romano*. Lisboa, 1983 (3ªed.; 1ª ed., 1973).
- ALMEIDA, s/d. — ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira de - *Dois capacetes e três copos em bronze de Castelo de Neiva*. Separata de "Gallaecia", 6, Santiago de Compostela, s/d., pp. 245-254.
- ALMEIDA, 1980 — IDEM - *Importantes objectos em bronze de Castelo de Neiva*. In "Arqueologia", Nº 2, Porto, 1980, pp. 45-49.
- B. ALMEIDA, 1982 — ALMEIDA, Carlos Alberto Brochado de - *Castelo do Neiva*. In "Boletim Cultural de Esposende", Nº 1, Junho de 1982, pp. 13-33.
- CARDOZO, 1965 — CARDOZO, Mário - *A fiação e a tecelagem na Antiguidade Peninsular*. Separata do Congresso Internacional de Etnografia (Santo Tirso), vol. II, Lisboa, 1965.
- DÉCHELETTE, 1914/1924 — DÉCHELETTE, J. - *Manuel d'Archéologie*. Vol. II, Paris, 1914 e vol. IV, Paris, 1924.
- JÚNIOR, 1952 — JÚNIOR, J. R. dos Santos - *O Castro de Sampaio (Vilariga)*. Sep. da Revista de Guimarães, vol. LXII, Guimarães, 1952.
- JÚNIOR, 1975 — IDEM - *Berrões Proto-Históricos no Nordeste de Portugal*. Dir. dos Assuntos Culturais, Lisboa, 1975.
- MARANÓN, 1935 — MARANÓN, J. G. - *Una interpretación acerca de los fusaiolos*. Boletín del Seminario de Estudios de Arte y Arqueología, Valladolid, Tomo VIII - IX, 1935.
- PONTE, 1978 — PONTE, Saete da - *Instrumentos de fiação, tecelagem e costura de Conimbriga*. In "Conimbriga", vol. XVIII, Coimbra, 1978, pp. 133-146.
- SANTARÉM, 1955 — SANTARÉM, Carlos M. Faya - *O Castro do Monte Padrão - Campanhas de 1952-53-54*. Sep. de "O Concelho de Santo Tirso", Boletim Cultural, vol. III, nº4, Porto, 1955.
- SILVA, 1983A — SILVA, Armando Coelho Ferreira da - *A Citânia de Sanfins (Paços de Ferreira)*. Paços de Ferreira, 1983.
- SILVA, 1983B — IDEM - *A Idade dos Metais em Portugal*. In "História de Portugal", vol. I, Alfa, Lisboa, 1983, pp. 100-147.
- SILVA, 1986 — IDEM - *A Cultura Castreja no Nordeste de Portugal*. Museu Arqueológico da Citânia de Sanfins, Paços de Ferreira, 1986.
- SILVA/MARQUES, 1984 — SILVA, Eduardo Jorge Lopes da; MARQUES, José Augusto Maia - *O Castro de Moldes - Castelo de Neiva, Viana do Castelo (Primeiros resultados)*, Actas del II Colóquio Galaico-Minhoto, vol. II, Santiago de Compostela, 1984, pp. 241-265.
- TAMUXE, 1983 — TAMUXE, Xoan Martinez - *Citania y Museu Arqueologico de Santa Tecla*. Servicio Central de Publicaciones de la Xunta de Galicia, 1983.
- VIANA, 1937 — VIANA, Abel - *Achados Arqueológicos no Monte de Santo António - Afife, Viana do Castelo*. Trabalhos da Associação dos Arqueólogos Portugueses, nº 3, Lisboa, 1937, pp. 75-83.
- VIDAL Y LOPEZ, 1952 — VIDAL Y LOPEZ, Manuel - *Tipología de las fusaiolas del Poblado Ibérico del "Cerro de San Miguel" de Liria*. Archivo de Prehistoria Levantina, vol. III, 1952, pp. 147-154.

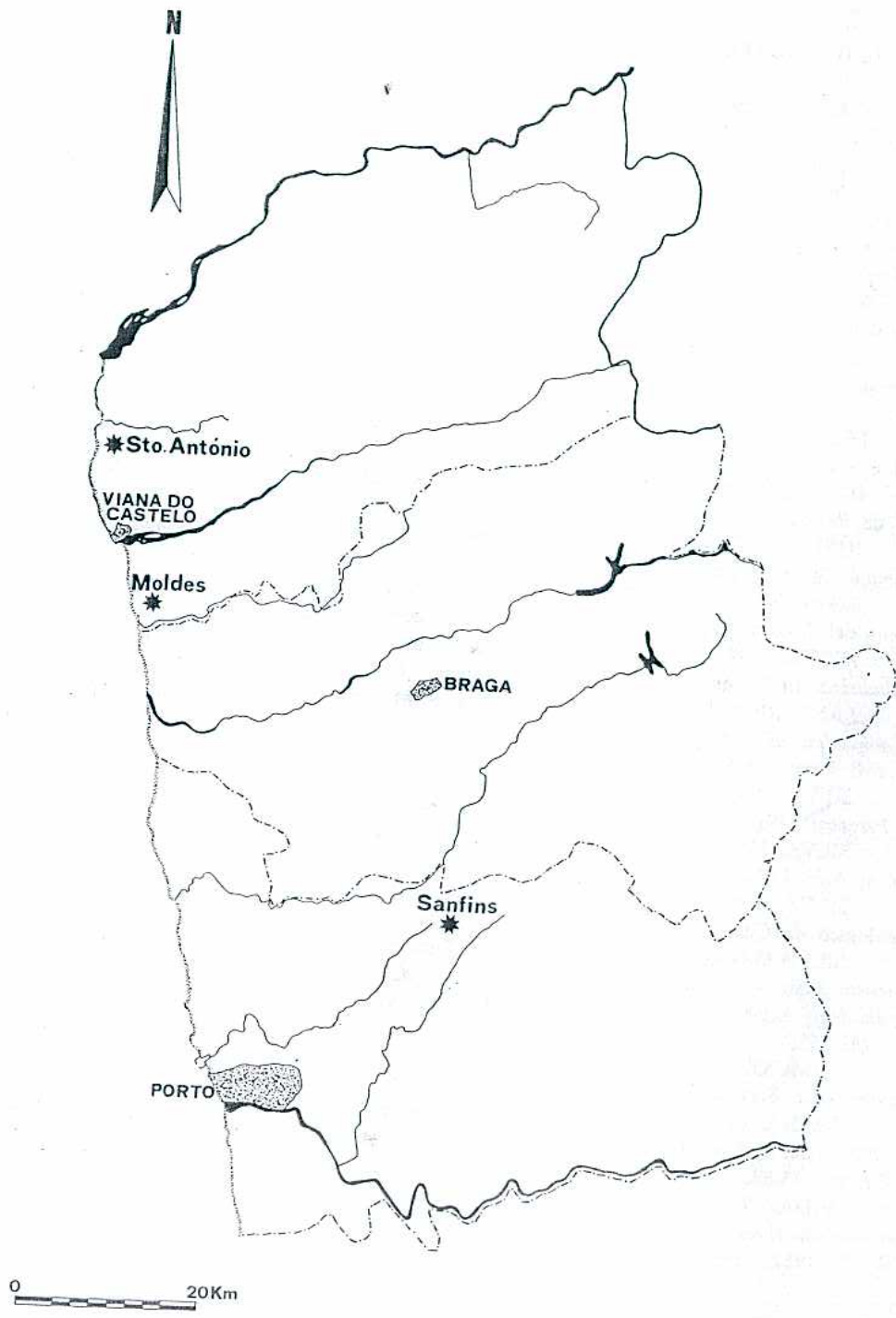


Fig. 1 — Localização dos Povoados Castrejos estudados.

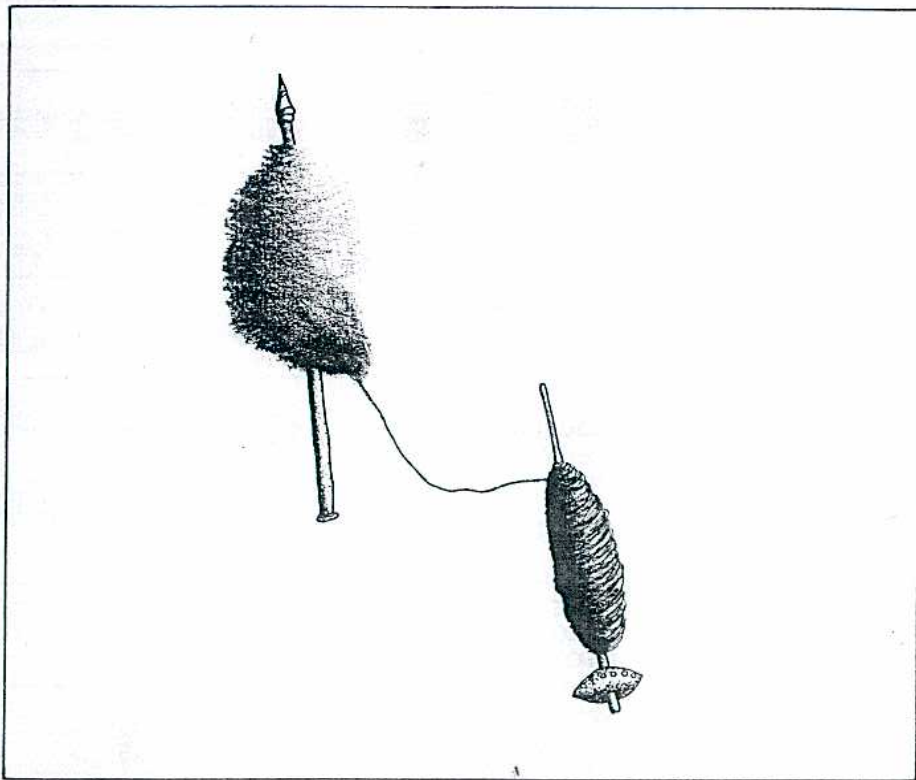






























Fig. 2 — Reconstituição possível de Roca com novelo de fibra e fuso com fio e cossoiro.

QUADRO TIPOLOGICO

BULBOSOS	ACHATADOS				
	ESFÉRICOS				
DISCÓIDES					
CÓNICOS	CÓNICOS				
	TRANSIÇÃO PARA BICÔNICO				
BICÔNICOS	CONES IGUAIS				
	CONES DESIGUAIS				
	CONES DE TRANSIÇÃO PARA BULBOSO				
TRONCOCÔNICO					

* Bulboso achatado de paredes semi-verticais.

TRONCOCÓNICOS		DISCÓIDES					
FABRICO MANUAL		FABRICO MANUAL		FABRICO EM MOLDE		REUTILIZAÇÕES	

BICÓNICOS					
CONES IGUAIS		CONES DESIGUAIS		CONES DE TRANSIÇÃO PARA BUI BOSO	

FABRICO PANAI

FABRICO EM HOLID



QUADRO C — CITÂNIA DE SANFINS

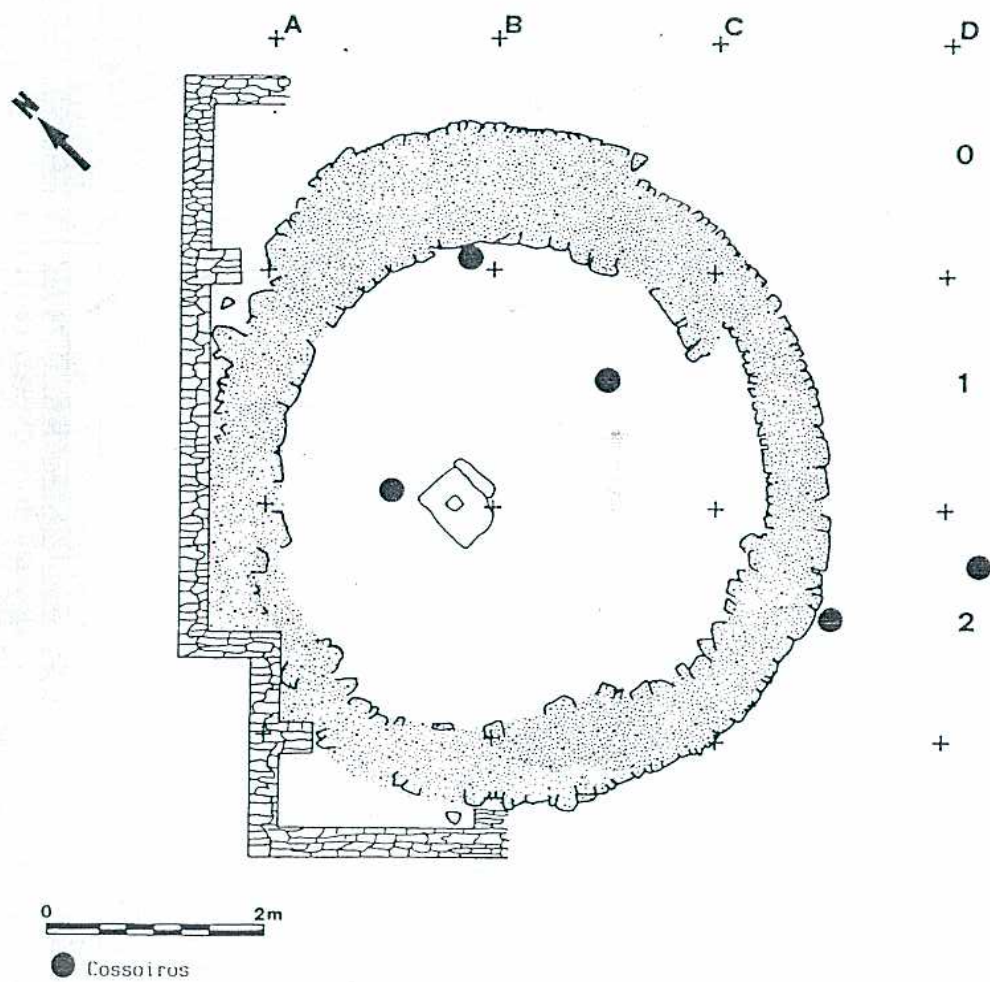


Fig. 3 — CASTRO DE MOLDES — CASTELO DO NEIVA
 Planta do Sector A
 DISPERSÃO DOS COSSOÍROS

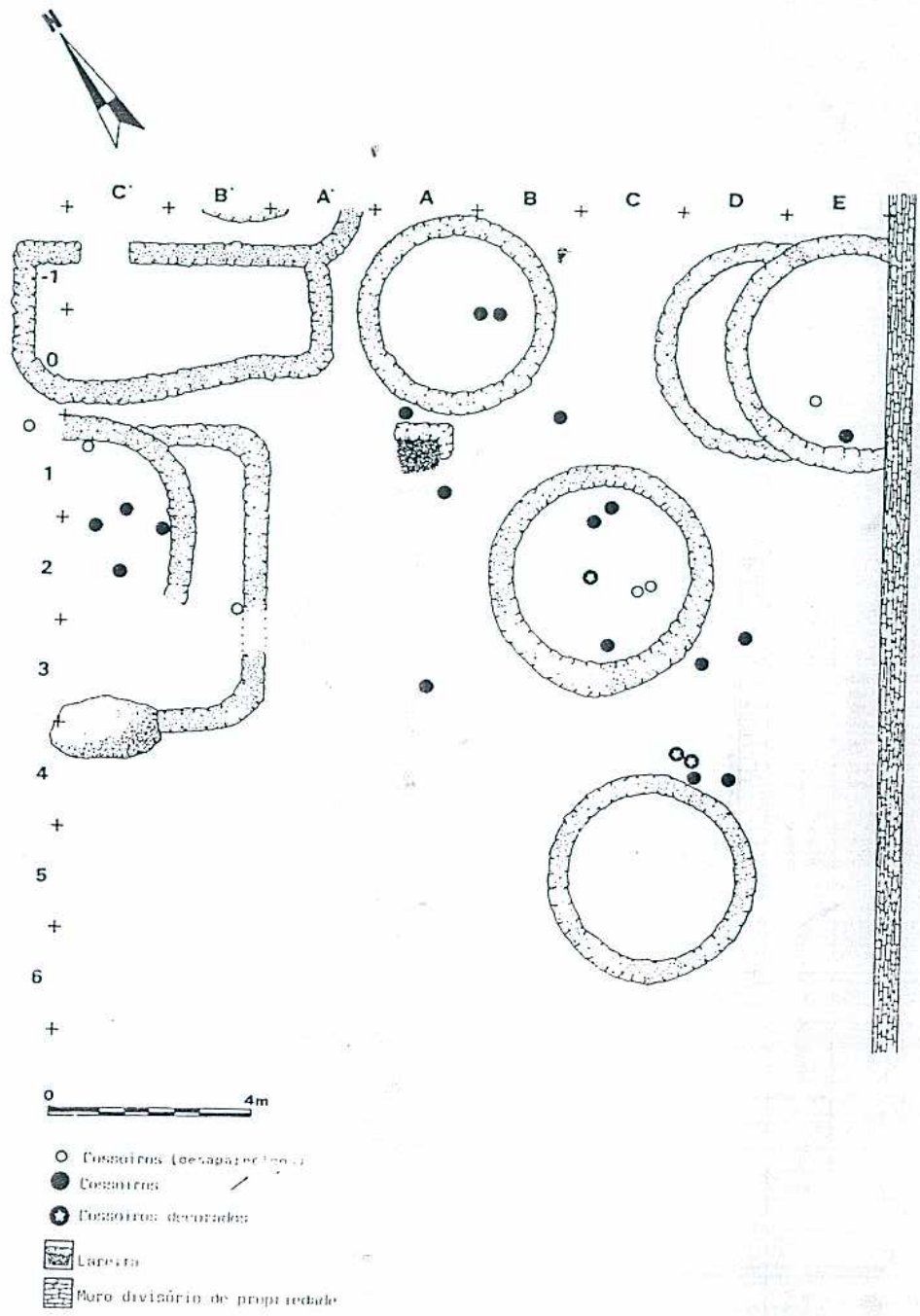

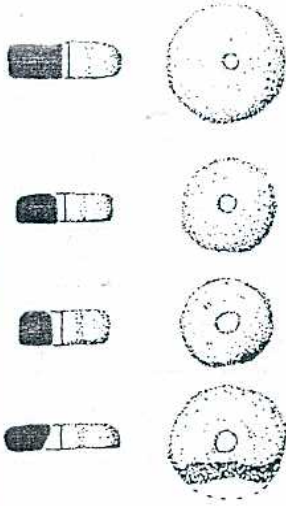
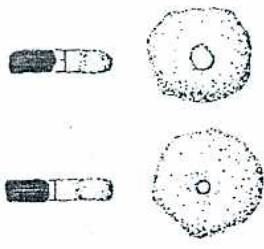

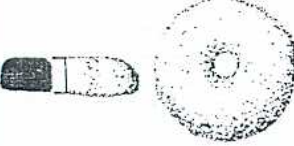



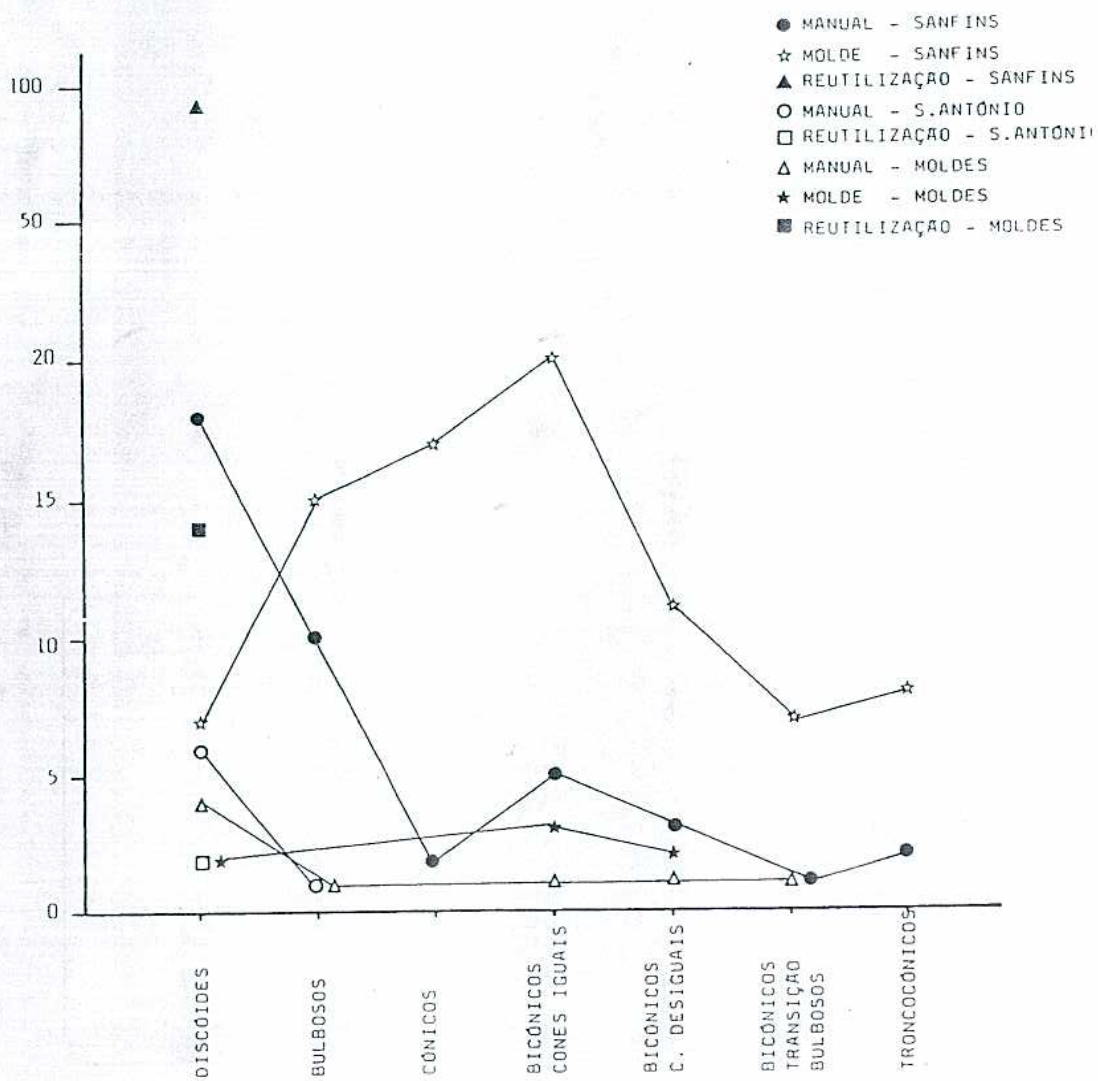
Fig. 4 — CASTRO DE MOLDES — CASTELO DO NEIVA
 Planta do Sector C
 DISPERSÃO DOS COSSOUIROS

QUADRO D — CASTRO DE MOLDES

		BICÔNICOS			BULBOSOS		DISCÓIDES	
		CONES DE SÍGUAIS	CONES DE TRANSIÇÃO PARA BULBOSOS					
		FABRICO MANUAL			FABRICO EM MOLDI			
REUTILIZAÇÕES								

BULBOSOS	DISCÓIDES	
FABRICO MANUAL	FABRICO MANUAL	REUTILIZAÇÕES
		
Granito grão fino	Xisto	
		

QUADRO E — CASTRO DE STO. ANTÓNIO



DISTRIBUIÇÃO DOS COSSOIOS POR TIPOS

DISTRIBUIÇÃO DA TÉCNICA DE FABRICO POR TIPOS

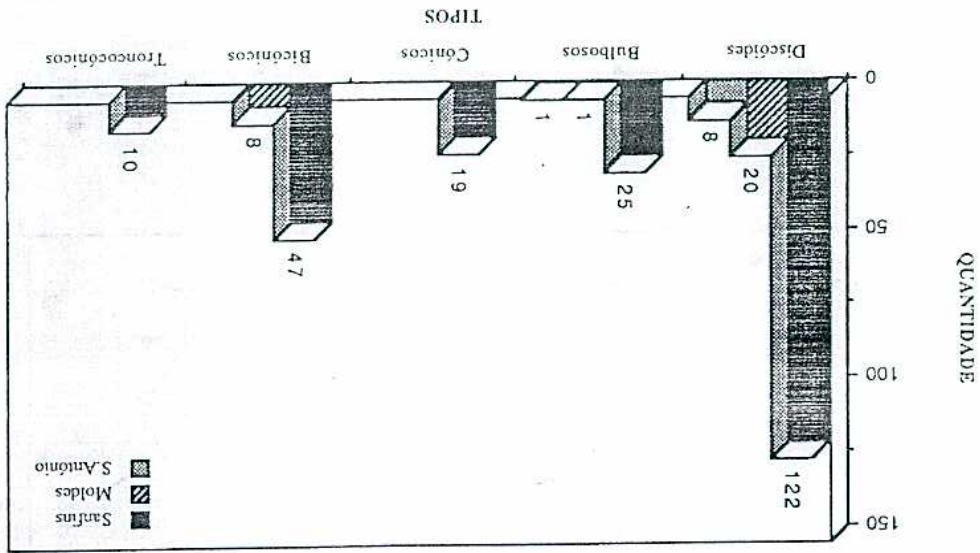




FOTO 1 — Aldeã cardando o linho, em Trás-os-Montes (Rio de Onor). Esta operação, em tempos Castrejos, deveria ser semelhante, tal como o próprio instrumento de cardar. Actualmente este instrumento, quando se trata do linho, designa-se "sedeiro" e à tarefa "assedagem".



FOTO 2 — Fiandeira de Rio de Onor, fiando o linho. Note-se que actualmente o “cossoiro” é parte integrante do fuso de madeira, designando-se cacharela.

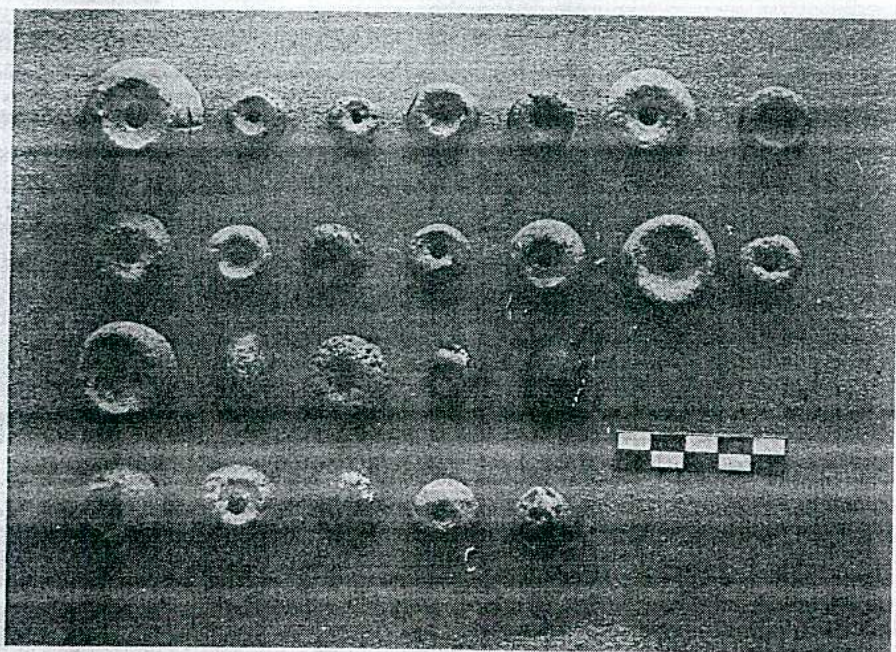


FOTO 3 — Cossoiros da Citânia de Sanfins de tipo Bulboso, achatados e esféricos

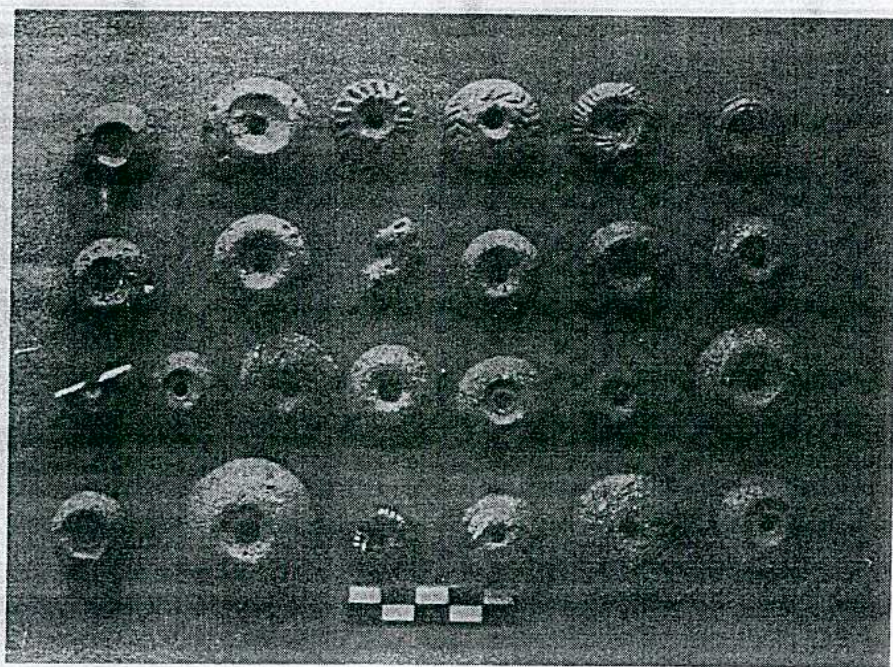


FOTO 4 — Cossoiros da Citânia de Sanfins de tipo Bicónico de cones iguais.

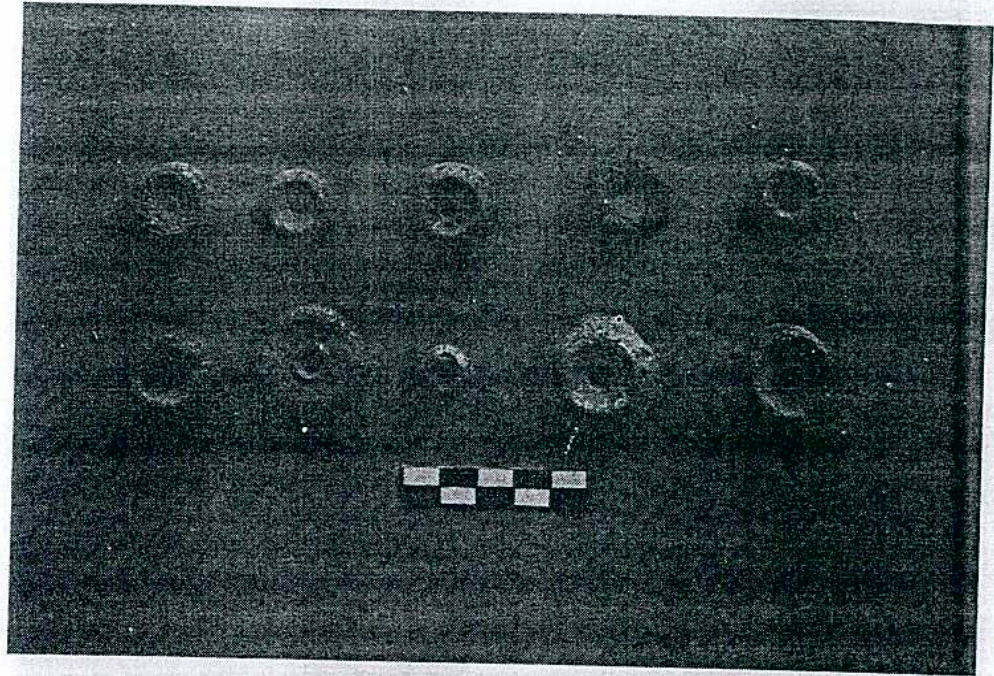


FOTO 5 — Cossiros de Sanfins de tipo Troncocónico.



FOTO 6 — Castro de Moldes, vista do sector C, no seu actual estado.

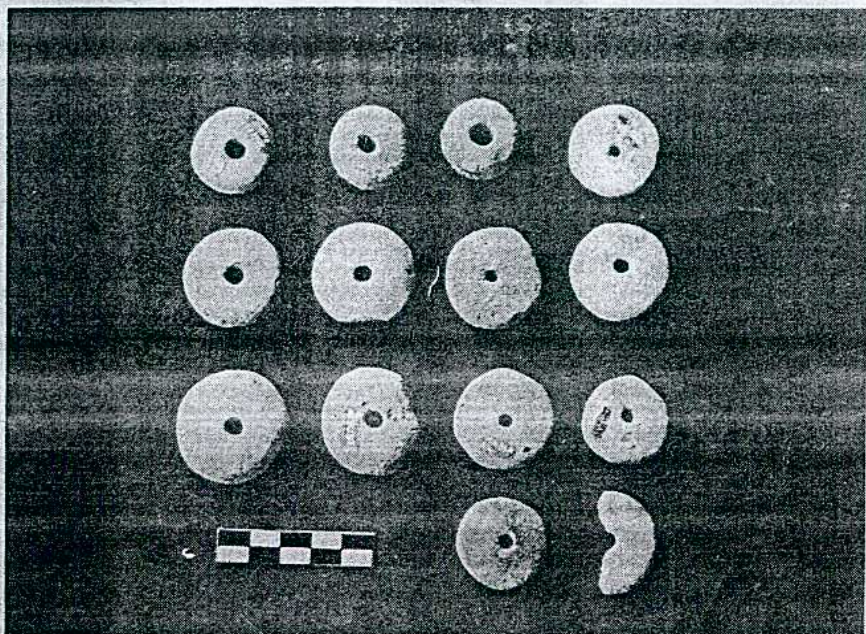


FOTO 7 — Cossiros do Castro de Moldes de tipo discóide, originais e de reutilização.



FOTO 8 — Cossiros do Castro de Moldes de tipos: Bicónico e na parte inferior, um discóide e um bulboso.

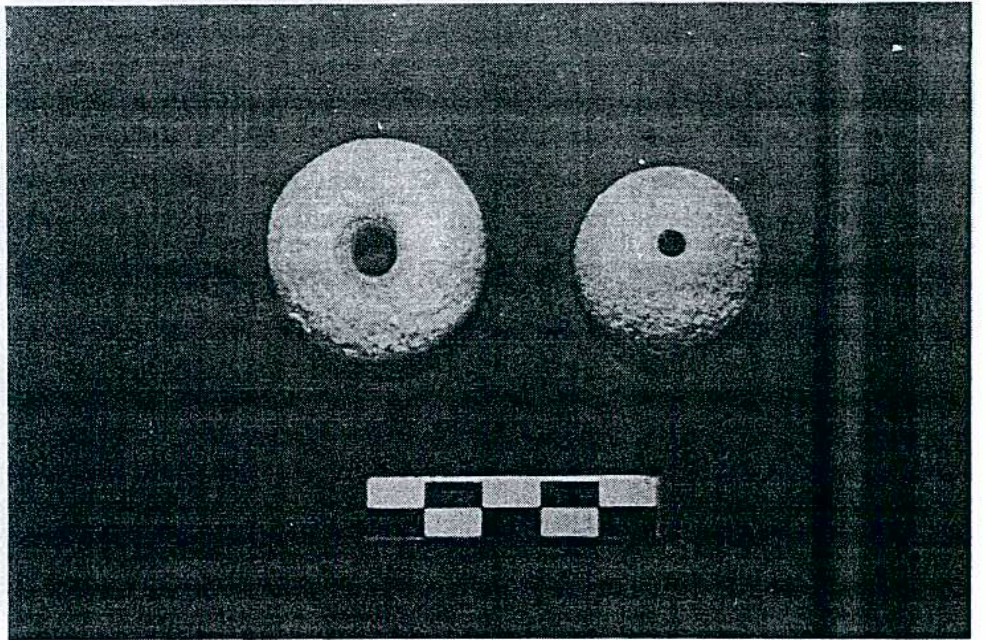


FOTO 9 — Cossoiros do Castro de Santo António, em pedra, de tipos discóide (xisto) e Bulboso achatado (granito).



FOTO 10 — Casa circular na encosta Oeste do Castro de Santo António (Afife).